

Brasil pode evitar crise, diz Batista Jr.

Plano aqui é recente e tem regras menos rígidas, que permitem correções de rota

MARISA CASTELLANI

Há muitas semelhanças entre as políticas cambiais do México, Argentina e Brasil, mas o Brasil ainda tem tempo de corrigir os erros que colocaram o México na difícil situação em que se encontra, agravada pelos conflitos com os rebeldes zapatistas. A avaliação é do professor da FGV e especialista em economia internacional, Paulo Nogueira Batista Junior, para quem a crise mexicana deve ser entendida como um "alerta" pelo futuro governo. "É bom lembrar que o México sempre nos foi apontado como 'exemplo' e que, entre latino-americanos, é o único que conta com suporte do BC norte-americano".

O ponto em comum entre os três países é o uso intenso da valorização do câmbio como instrumento de estabilização, disse. Das três âncoras cambiais, a da Argentina é a mais rígida, com a paridade, conversibilidade e lastreamento da moeda fixadas em lei. A âncora do México é a mais



Ari Vicentini/AE

Batista Junior: alerta para FH

antiga: desde janeiro de 88, após uma "máxi" do peso mexicano na casa dos 20%. Mas ambos os países têm forte déficit no balanço de pagamentos em conta-corrente. O do México beira os US\$ 30 bilhões ao final de 94, o que representa algo entre 7% e 8% do Produto Interno Bruto e é financiado, em grande parte, por capitais de curto prazo (hot money), o que deixa o país numa posição bastante vulnerável. De fevereiro a

novembro, o México já perdeu 40% de suas reservas internacionais. Estima-se que, somente este mês, aquele país tenha perdido até US\$ 11 bilhões em reservas, ficando com apenas US\$ 6 bilhões. Mais US\$ 2 bilhões teriam sido consumidos no início desta semana, o que teria provocado a medida de expansão da banda cambial em 15%, cancelada posteriormente. O déficit da Argentina no balanço de pagamentos em conta-corrente deve chegar a US\$ 11 bilhões este ano.

Tudo isso é combinação de uma política de forte valorização real das moedas locais, com abertura comercial acelerada (vide acordo do Nafta). Mas o Brasil tem vantagens importantes, que lhe permitem correções de rota, segundo Batista Junior. Ele afirmou que as regras fixadas pelo Brasil em relação ao câmbio não são tão rígidas quanto as da Argentina, o que tem permitido ao governo, por exemplo, administrar a política cambial num sistema informal de bandas. Além disso, o processo de estabilização brasilei-

ro — expresso no Plano Real — começou há pouco e, pelo menos por enquanto, ainda não produziu estragos em termos de desequilíbrio do balanço de pagamentos em conta corrente. O déficit em conta corrente do Brasil não será grande este ano, entre US\$ 1 bilhão e US\$ 3 bilhões, porque, segundo Batista Jr., ainda não deu tempo de os efeitos negativos se fazerem sentir. Estes efeitos certamente aparecerão em 1995, diz.

RISCO DE AUMENTO DO DÉFICIT É GRANDE

Os riscos de o Brasil aumentar seu déficit no balanço de pagamentos em conta corrente são grandes, avalia. Isso porque existe a combinação entre a valorização real da moeda, a aceleração da abertura comercial, a expansão da demanda interna e, para culminar, alta de juros internacionais. Para evitar isso, Batista Jr. afirma que o governo deve usar seu capital político, fortalecendo o programa de estabilização na sua parte fundamental, que é o ajuste de contas. Dessa forma, teria condições de depender menos da âncora cambial e permitir a recuperação do dólar.